

CADERNO EDUCATIVO



ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO PARA AS **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**



Patrocínio:



Banco Safra



60 ANOS

Copatrocínio:



Apoio:



Realização:





APRESENTAÇÃO

A Casa Fiat de Cultura assume um significativo papel no cenário cultural brasileiro ao realizar importantes exposições e propor ações educativas de grande relevância. A programação incentiva o público a interagir com diversos movimentos artísticos e linguagens, desde a arte clássica até a contemporânea. Dentre as mais de 70 mostras apresentadas pela instituição, destacam-se nomes como Caravaggio, Auguste Rodin, Marc Chagall, Tarsila do Amaral e Candido Portinari.

As visitas às exposições são mediadas pela equipe do Programa Educativo, com abordagens voltadas para a valorização do patrimônio histórico e artístico, para a reflexão e a aprendizagem por meio das artes, estimulando conexões com o mundo contemporâneo.

Em seus 16 anos, a Casa Fiat de Cultura já recebeu mais de 3,5 milhões de visitantes e, aproximadamente, 600 mil participantes nas atividades educativas. A programação é diversificada pois, além das exposições, abrange cursos, palestras, formação de professores, passeios e encontros patrimoniais, residências artísticas e o Ateliê Aberto – espaço de experimentação artística.

Situada no histórico edifício do Palácio dos Despachos, apresenta, em caráter permanente, o painel “Civilização Mineira” (1959), de Candido Portinari, que representa fatos importantes da história do estado de Minas Gerais, como a Inconfidência Mineira e a transferência da antiga capital, Ouro Preto, para a moderna Belo Horizonte. O espaço integra um dos mais expressivos corredores culturais do país, o Circuito Liberdade, em Belo Horizonte.

O download gratuito do e-book se destina apenas ao uso pessoal e educativo do usuário, sendo proibido qualquer uso diverso, como por exemplo a sua reprodução, divulgação e/ou comercialização, dentre outros.



APRENDIZADO E EXPERIMENTAÇÃO

Sempre com mostras inéditas, a Casa Fiat de Cultura desenvolve um Programa Educativo que é peça fundamental no trabalho de valorização e ampliação do conhecimento proporcionado ao público. Para cada exposição, são idealizados conceitos e temáticas para serem trabalhados em atividades educativas. Além disso, proporciona aos visitantes um espaço de experimentação livre e participação nos processos do fazer criativo.

Com enfoque nos estudantes, professoras e professores de escolas públicas, mas atendendo a todos os segmentos da sociedade, o Programa promove, nas discussões educativas, uma interdisciplinaridade de temas — ao propor diálogos entre a arte e a matemática, a história, a geografia, a política, a filosofia e outros campos do conhecimento, fomentando infinitas possibilidades de debates. Complementa-se, assim, o aprendizado dos estudantes, expandindo os limites da sala de aula e promovendo novas e instigantes discussões sobre a contemporaneidade, muito além das fronteiras didáticas. Para cada público, uma abordagem especial é adotada, com o intuito de encantar e transformar, de maneira positiva, o imaginário dos visitantes. A Casa Fiat de Cultura oferece acesso a crianças, jovens, adultos, idosos e públicos com necessidades específicas, atendendo às suas demandas.



AOS PROFESSORES E PROFESSORAS

Os Cadernos Educativos da Casa Fiat de Cultura são uma ferramenta de apoio à inserção e ao desenvolvimento de temáticas relacionadas à arte, cultura e patrimônio no ambiente escolar. Os conteúdos são desenvolvidos pela equipe do Programa Educativo, a partir de temas selecionados em pesquisa realizada junto a professoras e professores parceiros, nas redes pública e privada de ensino. É com grande prazer que a Casa Fiat de Cultura compartilha este material com os profissionais de ensino, renovando o convite para uma visita às exposições e, também, para a participação nas atividades formativas, que são ofertadas gratuitamente para todo o público docente. Tudo construído com muito apuro e carinho para atender às suas demandas cotidianas. É sempre um prazer trabalhar com vocês!

Programa Educativo da Casa Fiat de Cultura



APRESENTAÇÃO DO CADERNO

O caderno educativo *Artes Visuais e Educação para as Relações Étnico-Raciais*, disponibilizado gratuitamente pela Casa Fiat de Cultura para download e impressão, apresenta importantes contribuições para o fomento de discussões sobre o tema em sala de aula. Dessa forma, propõe explorar o potencial reflexivo das artes visuais para evidenciar a fundamental presença das matrizes africanas na formação cultural do país, enfatizar referências positivas e narrativas apreciativas em relação às populações negras, contribuir para a valorização de suas identidades culturais e para o combate ao racismo. Adotando uma visão multicultural e abrangente, levando em consideração o contexto e o universo dos educandos, o caderno se apresenta como dispositivo para questionamentos e para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação às questões raciais no Brasil. Mais indicado para ser trabalhado entre estudantes que estejam cursando os últimos anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, o caderno pretende auxiliar professores e educadores em atividades pedagógicas, agregando ações que fortaleçam a aplicabilidade da Lei 10.639/03.



A LEI 10.639/03

Iniciativas pedagógicas determinadas pela Lei 10.639 (de 09 de janeiro de 2003), que estabelece no Art. 26-A que, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”, vêm sendo elaboradas e desenvolvidas por diversos profissionais da área de educação, em diferentes instituições por todo o país. Porém, ainda é preciso que essas iniciativas se ampliem ainda mais, contribuindo para a implementação sólida e significativa da lei, que também estipula que:

- *§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.*
- *§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.*
- *Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.*

O respeito à diversidade cultural, as lutas das populações que foram marginalizadas no decorrer da história do Brasil, assim como, a divulgação e a valorização de suas identidades culturais, devem ser contempladas, portanto, em discursos e



narrativas que pautam projetos, ações e práticas educativas. Afinal, o racismo perpassa todas as instâncias da sociedade brasileira, atuando dentro das próprias instituições, e a escola é uma delas.

Em 10 de março de 2008, a Lei 11.645 ampliou as determinações da Lei 10.639/03, incluindo, também, a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura indígena, recomendadas no parágrafo 1º que:

- *§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.*



EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Em função dos desdobramentos dos processos de colonização do Brasil, que pautou a formação multicultural do país, mas privilegiou a matriz europeia em detrimento da africana e da indígena, torna-se mais do que urgente o fortalecimento de uma educação antirracista que se comprometa com o arrefecimento dos resquícios do colonialismo no presente (colonialidade) e com a promoção da equidade entre todos os povos e as culturas que compõem a sociedade brasileira.

O caráter escravista, que forjou a lógica colonial, ocasionou no deslocamento compulsório de cerca de 12 milhões de africanos para as Américas, dos quais estima-se que mais de 40% tenham desembarcado no Brasil. Esse fenômeno, conhecido como diáspora africana (ou diáspora atlântica), propiciou encontros e trocas entre diferentes povos e culturas, causando a ressignificação e o surgimento de tradições, dando origem a diversas manifestações culturais e construindo novas configurações identitárias.

Segundo a historiadora, antropóloga e curadora Lilia Schwarcz (2018), “nos navios negreiros, vieram não só pessoas escravizadas, mas símbolos, culturas, religiões e filosofias”. Apesar das tentativas de depreciação e de proibição desses códigos culturais, o que podemos constatar hoje é que, por meio de muitas estratégias e resistências, se tornaram referência sobre a própria noção de cultura brasileira, internamente, mas principalmente, no exterior.

Após a abolição da escravatura, em 1888, muitos africanos e afrodescendentes continuaram impedidos de acessar direitos básicos como o ingresso em determinadas institui-



ções de ensino (educação), a inserção no mercado de trabalho formal ou bem remunerado (trabalho) e a participação em processos eleitorais (cidadania). A Lei Áurea não garantiu, portanto, a inclusão efetiva das populações negras, provocando segregação e inúmeras desigualdades, fato que ainda precisa ser discutido no presente, na escola e fora dela.

ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

No que diz respeito ao ensino de Artes, focando aqui nas Artes Visuais, documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) estabelecem seis dimensões para caracterizar a especificidade do campo de conhecimento, sendo que dessas, três serão mais exploradas nesse material. Entre elas:

Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em



práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.192-193).

As outras três dimensões, que também estão contempladas em algumas atividades, são: “criação” (técnicas e processos que envolvem o fazer artístico), “expressão” (materialização de aspectos subjetivos) e “estesia” (experiências ligadas aos sentidos).

A ideia é que, para além das atividades práticas, os professores e os educadores também possam desenvolver ações de mediação cultural, muito comuns em espaços de educação não-formal, mas que podem igualmente ser trabalhadas em ambientes de educação formal. Uma experiência estética decorrente da fruição de uma obra de arte envolve tanto a dimensão afetiva como intelectual, com potencial para afetar de diversas maneiras o observador. O processo pode provocar sensações boas ou gerar desconforto, ativar memórias, produzir insights, levantar reflexões sobre inúmeros temas, dar a conhecer aspectos de uma época ou de um grupo social, ativar uma infinidade de emoções, incentivar a criatividade e a imaginação e propiciar novas formas de perceber a realidade, entre outras perspectivas. Entretanto, se esse repertório de possibilidades está latente na obra, isso não significa que todas as pessoas estejam igualmente preparadas para acessá-lo.

O papel do professor/mediador é ser um facilitador da experiência estética através de proposições e ações concretas que funcionam como dispositivos relacionais. A mediação cultural se estabelece como um processo ativador, abrindo possibilidades de aprendizagem, reflexão, construção do



pensamento crítico, externalização de subjetividades e experimentação. É uma prática dialógica, na qual os conhecimentos trazidos pelos mediadores convergem com os saberes de cada um de forma fluida e aberta.

BRASIL COLÔNIA E IMPÉRIO: IMAGENS PEJORATIVAS E REPRESENTAÇÕES ESTEREOTIPADAS

Alguns autores têm sugerido a ampliação de possibilidades e abordagens para o ensino de Artes Visuais na contemporaneidade e a necessidade de uma pedagogia voltada para a diversidade, a autonomia e a cidadania. Paulo Freire (1996) foi um grande pensador e teórico na área de educação em todo o mundo, e é um exemplo de referência quando discutimos relações entre educação, política e questões sociais. Outro autor que também trabalha a partir dessa perspectiva, é o estadunidense Arthur Efland (1999), que enfatiza em suas publicações a importância do estreitamento entre aspectos sociais e intelectuais com o ensino de Artes.

O potencial que a arte possui de refletir sobre diferentes realidades e de atribuir novos sentidos a fatos e fenômenos (muitas vezes subvertendo as convenções do senso comum) caracteriza o seu ensino como dispositivo para que outras narrativas e códigos culturais, para além dos padrões estipulados pelo imaginário erudito ocidental, possam emergir para impulsionar a visibilidade dessas populações e para desconstruir estereótipos.

Em muitos casos, imagens são trabalhadas de forma superficial, apenas a título de ilustração, em livros didáticos e apostilas, principalmente, na disciplina de História. As imagens possuem códigos visuais que geram significados, apresentando diversas possibilidades de leitura, portanto, devem



ser analisadas esteticamente de maneira crítica. É comum nos depararmos com imagens, que foram produzidas no decorrer da história da arte no Brasil, que replicam visões estereotipadas dos grupos negros, contribuindo para a construção de um imaginário discriminatório. Nas artes visuais temos imagens muito conhecidas que nem sempre são discutidas em sala de aula de forma crítico-reflexiva.

Nos períodos colonial e imperial, na maioria dos casos, os negros eram representados por meio de imagens que reforçam concepções racistas e etnocêntricas, em posição de submissão, compondo cenas de trabalhos humilhantes, de castigos e de torturas. Também eram vistos como objeto de estudos etnológicos, pseudocientíficos, que compreendiam esse "outro" de forma inferiorizada.

Na obra *Punições Públicas* (Fig.01) o artista alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) representou uma prática brutal. Agressões e torturas executadas publicamente, em locais conhecidos como Pelourinho (marcados por um mastro de pedra ou de madeira), em que os castigados eram amarrados e torturados na presença da população. Além de dar exemplo dos possíveis castigos previstos, caso desobedeassem a seus proprietários, demonstravam, de forma objetiva, a violência colonial e as condições desumanas impostas aos negros escravizados.

O cenário é a antiga Praça de Sant'anna (atual Praça da República), um dos pontos mais movimentados do Rio de Janeiro no século XIX, região onde ocorreram fatos históricos marcantes, como a aclamação de D. Pedro I e a Proclamação da República. Compondo a imagem é possível observar alguns negros escravizados, que também serão castigados, tentando escapar de homens fardados, enquanto outros são amparados após terem sido açoitados. As outras pessoas que

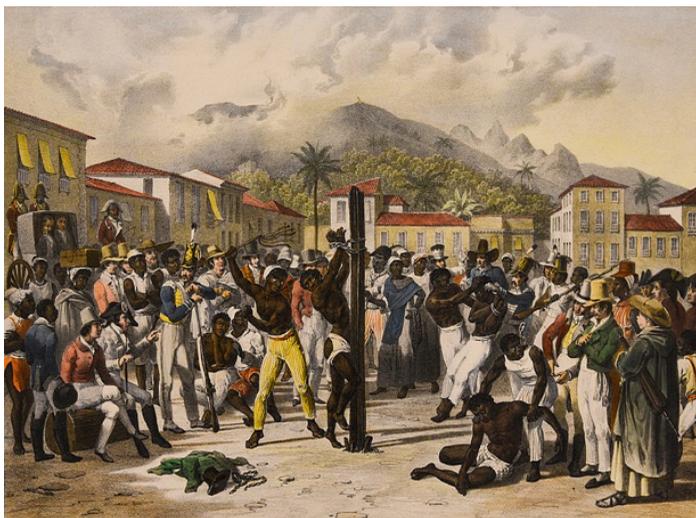


Fig. 01: Johann Moritz Rugendas - Punições Públicas: Praça Sant'anna – c. 1830 - litografia - dimensões: 22,7 x 31,2 cm. Acervo: Biblioteca Maria Beatriz Nascimento – Arquivo Nacional/RJ. Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Johann_Moritz_Rugendas_in_Brazil.jpg

assistem a cena se dividem entre expressões de espanto e horror ou de total conviência e indiferença.

A imagem chama atenção para outra prática perversa – negros escravizados castigando e perseguindo seus pares. Na época, não era incomum que negros exercessem funções de feitores ou de capitães do mato. Eles recebiam ordens para executar ações punitivas, caso ocorresse algum ato de desobediência ou tentativa de fuga. Vítimas do próprio sistema escravista, eram incumbidos de aplicar os castigos determinados por seus “senhores”, sob pena de eles mesmos serem torturados, caso não cumprissem as ordens estipuladas. Os negros que assumiam essas funções acabavam por encontrar um meio alternativo de sobrevivência pois recebiam por seus serviços armas, cavalos, roupas e dinheiro.

Rugendas foi um renomado cronista visual do Brasil da primeira metade do século XIX. Porém, sem descartar a relevância documental de seu trabalho, algumas de suas obras acabam reforçando os estereótipos e difundindo imagens depreciativas das populações negras na atualidade. Assim como Rugendas, há outro conhecido artista, também estrangeiro, o francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), famoso por suas imagens sobre a escravidão, muitas delas ainda utilizadas apenas como ilustração sem passarem por uma análise crítica a partir de perspectivas contemporâneas.

Na obra Loja de Sapateiro (Fig.02), podemos observar a postura de submissão, as condições de trabalho compulsório e os castigos sofridos pelos escravizados. Na cena, o português dono da sapataria está prestes a conferir um golpe com a palmatória na mão direita de um dos três homens negros. No lado direito da obra, um deles apresenta uma expressão de temor, como se estivesse com receio de que, ele próprio,



Fig.02: Jean-Baptiste Debret – Loja de Sapateiro – c.1825 - litografia aquarelada - dimensões: 16,7 x 23,1 cm. Acervo: Museu Castro Maya/RJ. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Loja_de_Sapateiro_Aquarela_Jac_by_Jean-Baptiste_Debret_1820-1830.jpg



possa sofrer as mesmas punições caso desagrade ao seu “senhor”. Ainda, segundo uma descrição do próprio Debret, do lado esquerdo da imagem, vemos a mulher do sapateiro, mestiça, com um bebê branco no colo, demonstrando segurança e satisfação, por não estar, ela mesma, submetida àquelas condições. Seria uma alusão à tentativa de branqueamento da população brasileira no fim do século XIX?

Essas imagens devem ser ressignificadas para que os estereótipos criados pelos colonizadores europeus sobre as populações negras, como “inferiores”, “bárbaros”, “exóticos” e “não-civilizados”, subjugados e tratados sem qualquer dignidade e humanidade, não sejam reforçados nos dias de hoje.

O escritor, historiador e professor Joel Rufino dos Santos (1988), denuncia o projeto do próprio estado brasileiro de tentar invisibilizar as populações negras e indígenas no processo de formação da identidade cultural do país. Ele reafirma que a ocorrência da “supressão da identidade, ocultando a biografia e o verdadeiro retrato” desses indivíduos – que foram representados de forma recorrente através de estereótipos, como um grupo homogêneo sem subjetividades – deve ser questionada e revertida. Ele levanta a seguinte questão: “... a quem caberia a desinversão dessa imagem?”¹

PERGUNTAS ATIVADORAS PARA OS PROFESSORES E EDUCADORES

- *Há exatos 134 anos após a abolição da escravatura, será que ainda iremos trabalhar apenas com imagens que trazem os negros na condição de escravos?*
- *Se o intuito é desconstruir as consequências do colonialismo, que ainda se fazem presentes na sociedade brasileira, não seria interessante trabalhar com ima-*

gens que representam as populações negras para além da escravidão?

- *Há inúmeras imagens que representam as populações negras em outros contextos e tempos, protagonizando cenas valorativas, sujeitos de suas próprias vidas, em posição de dignidade e de resistência, demonstrando orgulho por suas histórias e tradições. Vamos utilizá-las?*

A educação é um caminho fértil e eficaz no que diz respeito à conscientização sobre inúmeros temas e à transformação de mentalidades e de comportamentos. Dessa forma, o objetivo desse caderno é que as produções artísticas modernas e contemporâneas reunidas aqui, que dialogam entre si a partir de questões raciais, sejam problematizadas.

Uma possibilidade de enriquecimento das práticas pedagógicas é a multidisciplinaridade. A partir das imagens, projetos podem ser desenvolvidos em conjunto com professores de outras disciplinas como, História, Geografia, Sociologia, Literatura, Música, Dança, etc. Quanto mais áreas do conhecimento se envolverem nas atividades, mais significativas e relevantes as propostas educativas podem se tornar.

Temas como crítica ao colonialismo e seus desdobramentos no presente, ancestralidade e memória, resistências políticas e a representatividade negra na história da arte, práticas culturais de regiões do continente africano, gêneros musicais afrodiáspóricos, manifestações culturais afro-brasileiras (Samba e capoeira), a vida de mulheres negras importantes na história do Brasil em diversos âmbitos, entre outros, pautaram essa curadoria educativa. Além dos temas, também foram considerados nesta seleção uma abrangência temporal significativa de produção dessas obras (1941 a 2020) e uma maior diversidade regional/origem geográfica dos artistas.



OBRAS E ARTISTAS

Para compor esse material foram selecionadas oito obras figurativas de artistas brasileiros que tratam de questões raciais de forma afirmativa. O recorte cronológico das produções abarcou quase 80 anos de história da arte no Brasil, contemplando obras dos seguintes artistas: Wilson Tibério (RS 1920 -2005), Heitor do Prazeres (RJ 1898-1966), Maria Auxiliadora (MG 1935-1974), até chegar em trabalhos mais recentes de artistas como, Ayrson Heráclito (BA 1968), Gê Viana (MA 1986), a dupla Isabel Lofgren (RJ 1975) e Patrícia Gouvêa (RJ 1973), Paulo Nazareth (MG 1977) e Rosana Paulino (SP 1967).

Os suportes, as técnicas e os materiais utilizados na produção das obras são bem diversificados. Desde os mais tradicionais como, a pintura à óleo e a gravura (litografia), até a fotografia, as instalações, impressões, colagens, montagens digitais, técnicas mistas etc.

Visando o primeiro contato dos professores e dos educadores com as obras que serão trabalhadas, a seguir serão apresentadas as reproduções em pequenas dimensões, a ficha técnica, breves informações sobre a obra e o artista, o acervo a qual pertencem e a fonte onde podem ser encontradas na internet. Lembrando que as imagens foram retiradas de sites para compor esse material gratuito, com objetivos educativos, incluindo todos os créditos necessários.

Para trabalhar com as obras em sala de aula, possibilitando uma melhor visualização das imagens (caso não seja possível projetá-las), oito fichas com a reprodução de cada uma delas se encontram em anexo, no final deste caderno,

para serem impressas em tamanho A4 ou A3 (quanto maior melhor). As obras devem ser impressas a cores pois, os elementos cromáticos presentes na maioria delas são importantes para uma fruição mais significativa e para uma melhor percepção estética dos estudantes.

OBRA 1



Obra 01: Gê Viana - Loja de Ervas - Série Atualizações Traumáticas de Debret - 2020 - colagem digital - dimensões: 29,7 x 42 cm. Fonte: <https://www.premiopia.com/ge-viana/>

Gê Viana (Santa Luzia/MA 1986). Vive e trabalha em São Luís. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Participou da residência artística Bolsa Pampulha em BH [2018/2019], vencedora do Prêmio PIPA 2020 e membro do Comitê de Indicação PIPA 2021. Seus trabalhos trazem temas como sua ancestralidade indígena e afro-brasileira, colonialismo e identidade cultural. Sobre sua produção a artista comenta que:



"Criar um caminho na arte hoje parte da ideia de denúncia, lançando mão das categorias estéticas. Penso no legado deixado pelas fotografias que denunciaram em cliques o cotidiano das grandes metrópoles, guetos e povos tradicionais. O meu trabalho se desenvolve no ato de fotografar corpos que assume vários recortes com a fotomontagem, retornando um segundo corpo e gerando lambe-lambe em experimentos de intervenção urbana/rural. Venho na busca por uma expressão artística não-linear, lanço-me sobre a pesquisa do corpo performático e dos corpos abjetos pela cultura colonizadora hegemônica e seus sistemas de arte e comunicação (corpos marginalizados e invisibilizados). A partir de um processo em Santos com Livia Aquino, pesquisadora do campo das artes visuais, resolvi pesquisar a "imagem precária" e os meios de apropriação das fotos históricas de fotojornalistas, já que na maioria dos meus trabalhos vê-se o uso de outras camadas fotográficas"
[\(https://www.premiopipa.com/ge-viana/\)](https://www.premiopipa.com/ge-viana/).

A série Atualizações Traumáticas de Debret é composta por imagens que sofreram intervenções manuais e digitais, configurando releituras de imagens históricas para que novos significados e narrativas possam surgir e questões étnico-raciais possam ser problematizadas. Gê Viana se apropria de obras do artista francês Jean-Baptiste Debret publicadas no famoso livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1834-1839), trabalho composto por três volumes, que reuniu os registros visuais e textuais que o artista realizou sobre o Brasil no início do século XIX. Na obra Loja de Ervas, Gê Viana subtrai a condição de escravizados dos negros presentes na obra original de Debret, onde aparecem trabalhando numa loja de sapateiro, e um deles recebe do dono da loja golpes

de palmatória na mão direita (ver Figura 2).

A artista subverte a lógica cruel e violenta da escravidão, trazendo elementos das culturas negras e da sabedoria de grupos africanos, como o conhecimento sobre os benefícios medicinais de diversas plantas, raízes e ervas, que atuam na cura de várias doenças. É possível ler no alto da imagem a frase "Quitanda da Cura desde 1810". É uma atitude de valorização desses saberes, de reforçar a autoestima dessas populações e de atualizar o olhar colonizador dos artistas estrangeiros do século XIX.

Em alguns sites de referência, é possível encontrar, acompanhando a obra, a seguinte legenda: "Loja de Ervas, 1810: vendas de tabaco e especiarias como chá, raízes, sementes e plantas. Rainha Ndatté Yalla passa para os filhos e sobrinhos sua experiência de curandeira". A Rainha Ndatté Yalla, que substituiu a figura do sapateiro, foi uma rainha do Reino de Waalo, que ocupava territórios da atual República do Senegal e parte da Mauritânia, na África. Ela lutou contra as invasões árabes e francesas em meados do século XIX. Símbolo de resistência no Senegal, há um monumento em sua homenagem na cidade de Dagana, no norte do país, na qual ela aparece fumando uma espécie de cachimbo comprido, vestindo roupas cerimoniais, assim como na obra de Gê Viana. A questão da transmissão de saberes e da ancestralidade é evocada ao ser apontado na legenda que a rainha estaria ensinando para seus filhos e sobrinhos seus conhecimentos. Os negros escravizados e subjugados na obra de Debret se transformam, assim, em guardiões de tradições e sabedorias de grupos africanos.



OBRA 2



Obra 02: Rosana Paulino - Parede da Memória (detalhe) - 1994/2015 – instalação (tecido, microfibrã, xerox, linha de algodão e aquarela) - dimensões: 08 x 08 x 03 cm cada elemento/dimensões variáveis. Acervo: Pinacoteca de São Paulo. Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/parede/>.

Rosana Paulino é bacharel em Gravura pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, especialista em Gravura pelo London Print Studio e doutora em Artes Visuais pela ECA/USP. Em 2014 foi agraciada com a bolsa para residência no Bellagio Center, da Fundação Rockefeller, na Itália.

"A produção de Paulino tem abordado situações decorrentes do racismo, e dos estigmas deixados pela escravidão, que circundam a condição da mulher negra na sociedade brasileira, bem como, os diversos tipos de violência sofridos por esta população. A artista se vale de técnicas diversas – instalações, gravuras, desenhos, esculturas etc – e as coloca a serviço do questionamento da visão colonialista da história que subsidia a (falsa) noção de democracia racial brasileira..." (<https://pinacoteca.org.br/programacao/rosa-na-paulino/>).

A instalação Parede da Memória marca o início da carreira de Rosana Paulino, que logo deixa claro seus questionamentos

enquanto artista, pesquisadora e professora. A obra é composta por 1.500 pequenas almofadinhas bordadas pela artista, que se parecem com os "patuás" – peças que são usadas como amuletos de proteção por praticantes de algumas religiões de matriz africana. Paulino fixou no tecido de algodão, onze retratos de família que se repetem, apresentando diferentes combinações, como em um jogo da memória. Além de investigar a própria identidade, a partir de seus antepassados, a artista faz alusão à importância dos saberes ancestrais a partir de uma concepção coletiva. Antigas fotos de família são trabalhadas de maneira poética e se transformam em um poderoso caminho de reflexão sobre a invisibilidade dos negros e negras na sociedade brasileira e na cultura visual, pois não eram percebidos como indivíduos, mas como um grupo homogêneo de anônimos.

OBRA 3



Obra 03: Wilson Tibério - Autorretrato - 1941 – óleo s/tela - dimensões: 100 x 80 cm. Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre/RS. Fonte: <http://www.ufrgs.br/acervoartes>.



Wilson Mendonça Tibério (Porto Alegre/RS 1920-2005). Ainda em Porto Alegre, trabalhava com pintura de cartazes publicitários, tendo aulas de estudos da cor com o artista italiano Cursi. Foi para o Rio de Janeiro, ainda jovem, para se aprimorar enquanto artista. A partir daí, debruçou-se sobre temas ligados à população negra carioca, ao dia a dia das favelas, ao carnaval e ao samba, em busca de identificação com suas heranças africanas. Viajou para a Bahia, experiência que gerou um volume significativo de desenhos e pinturas, em que práticas ritualísticas e o universo do Candomblé acabaram tornando-se seus principais temas.

No início da década de 1940 vai para a França após receber uma bolsa de estudos. Seguindo suas inspirações libertárias, tornou-se um artista-militante, dedicando-se a trabalhos que dão ênfase às culturas afro-brasileiras, aos problemas sociais e aos processos de independência de algumas regiões da África e aos desdobramentos políticos e culturais da diáspora africana. Conheceu vários países africanos e nunca mais retornou ao Brasil.

Em seu Autorretrato, realizado, provavelmente, enquanto ainda frequentava as aulas da Escola Nacional de Belas Artes/RJ, Wilson Tibério se autorrepresentou de forma imponente, olhando diretamente para o observador. Como um pintor acadêmico que era, aparece envolvido em um trabalho de pintura de cavalete, no qual demonstra estar produzindo uma clássica cena de nu feminino. O autorretrato pode ser compreendido, aqui, como um exercício subjetivo de falar sobre si próprio e de sua profissão bem-sucedida, materializada na imagem autoafirmativa.

OBRA 4



Obra 04: Ayrson Heráclito - Retrato do Lutador de Laamb - 2015 - fotografia – dimensões: 130 x 165 cm.
Fonte: <https://www.pipaprize.com/pag/ayrson-heraclito/>.

Ayrson Heráclito vive e trabalha entre as cidades de Cachoeira e Salvador, na Bahia. Possui Licenciatura em Educação Artística, é mestre em Artes Visuais e doutor em Comunicação e Semiótica. É artista visual, curador e professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Suas obras transitam pela instalação, performance, fotografia e audiovisual, lidando com frequência com elementos das culturas afro-brasileiras". (In: www.premiopipa.com.br).



A obra representa um jovem lutador de Laamb, uma luta tradicional muito popular no Senegal, país da África Ocidental, considerada o principal esporte nacional. Os dois lutadores precisam atacar e se defender de seu oponente com o objetivo principal de derrubá-lo no chão. Os praticantes do esporte usam amuletos amarrados em diversas partes do corpo como, peito, braços e pernas, para se protegerem dos maus espíritos e dos poderes místicos dos seus adversários. A luta é física, mas também espiritual, sendo acompanhada por músicos percussionistas e cantores. Muitos jovens se dedicam aos treinamentos diários nas academias da capital Dakar. Os que se destacam são reconhecidos pela população, em geral, aparecendo nos veículos de comunicação e alcançando projeção nacional em função do sucesso obtido nas lutas (é o caso do rapaz retratado). Pode-se fazer um paralelo com a fama de alguns jogadores de futebol no Brasil e a popularidade dos lutadores de Laamb, que, também, tornam-se celebridades no Senegal.

O rapaz retratado na fotografia é representado de forma altiva e confiante, em posição de combate. Essa imagem pode simbolizar, metaforicamente, a luta das populações negras por visibilidade e direitos. Entre os jovens negros, o lutador de Laamb pode ser compreendido como um símbolo de empoderamento, acentuando o protagonismo negro nas artes, nos esportes e em suas próprias histórias individuais e coletivas.

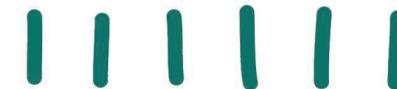


OBRA 5



Obra 05: Paulo Nazareth - Marley - 2013 - fotografia - dimensões variáveis.
Fonte: <http://cadernosdeafrica.blogspot.com>.

Paulo Nazareth é formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Seu nome de registro é Paulo Sérgio da Silva, mas optou por usar o sobrenome "Nazareth" em homenagem à sua avó materna, Nazareth Cassiano de Jesus, originária do povo Krenak, da região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Evidenciar a diversidade cultural do Brasil e de outras regiões do mundo, assim como, as possíveis tensões existentes a partir das diferenças étnicas e culturais, é um dos temas recorrentes de suas produções artísticas. O artista direciona suas pesquisas para questões como memória, ancestralidade, relações de poder, fronteiras, territórios e modos de resistência de grupos historicamente marginalizados.



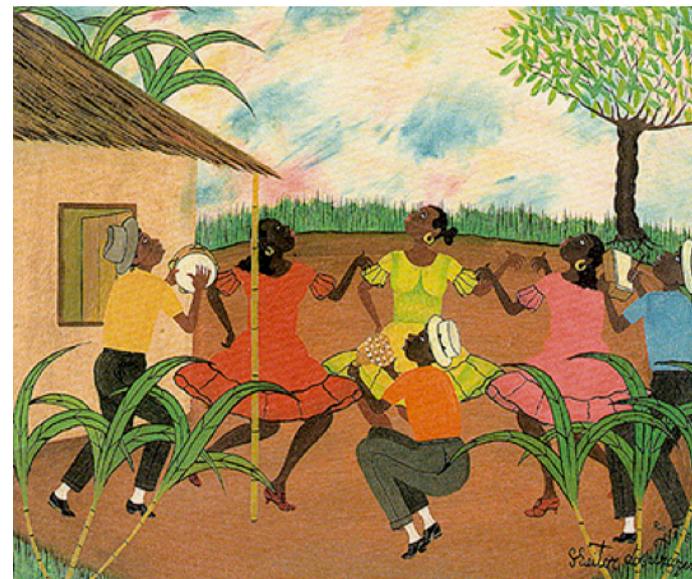
No projeto Cadernos de África, do qual a obra faz parte, Nazareth se debruça sobre o tema da ancestralidade, procurando aprofundar-se nas relações entre regiões da África e do Brasil. O artista fez uma longa viagem imersiva pela África, registrando em textos e imagens suas experiências, reflexões e impressões, em busca de conhecer melhor partes do continente de seus antepassados. A caminhada-travessia-performance de cinco anos começou em 2013 em sua casa, região metropolitana de Belo Horizonte, atravessou várias regiões do Brasil, até chegar no continente africano, que foi percorrido a partir da Cidade do Cabo, na África do Sul, até o Norte.

A obra Marley é uma das inúmeras referências encontradas nos registros do artista, cujo intuito é identificar elementos que remetem à África no seu dia a dia. Como o artista mesmo diz, “uma espiral que começa na cozinha de minha mãe, que vai crescendo para a casa, a rua, o bairro, a cidade, o estado, o país, o continente americano, até chegar ao continente africano”.

O jovem representado na fotografia é um rapaz de Santa Luzia, cidade onde a família do artista vive, na região metropolitana de Belo Horizonte. O protagonista da cena segura uma pipa com a imagem do cantor e compositor jamaicano Bob Marley (1945-1981), um dos maiores representantes do gênero musical conhecido como Reggae que, a partir da década de 1960, se tornou uma das mais populares expressões da musicalidade afrodiáspórica nas Américas.

“Um povo sem conhecimento, sapiência de seu passado histórico, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”. Bob Marley

OBRA 6



Obra 06: Heitor dos Prazeres - Roda de Samba - 1965 - óleo s/ tela - dimensões: 50 x 60 cm.
Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4654/roda-de-samba>.

Heitor dos Prazeres (Rio de Janeiro 1898-1966). É descendente de uma família negra baiana que migrou para o Rio de Janeiro no fim do século XIX. Compositor, instrumentista e pintor, se tornou conhecido no início de carreira como Mano Heitor do Cavaco. Importante personalidade da cultura popular brasileira, principalmente, pela sua participação na fundação de tradicionais escolas de samba cariocas, como a Portela, a Estação Primeira de Mangueira e a Deixa Falar (mais tarde Estácio de Sá). Foi um grande compositor, tendo como parceiros Donga, Sinhô, Cartola e Paulo da Portela.

Começou a desenvolver seu trabalho como pintor em meados da década de 1930. Não teve formação acadêmica e

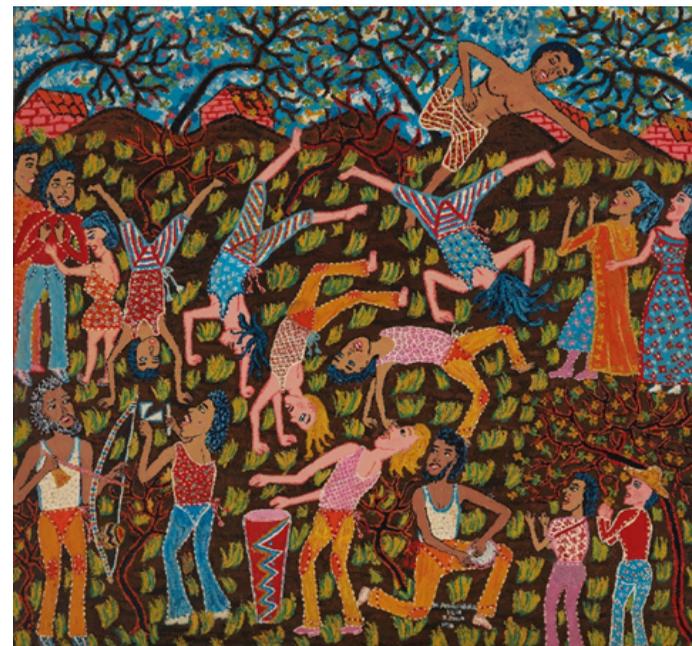


é considerado um artista autodidata. Seus temas preferidos são as rodas de samba, os rituais de Candomblé, os bailes e as festas populares, os costumes e o cotidiano das populações negras cariocas. Com a obra *Moenda*, recebe o terceiro lugar entre artistas nacionais na 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951), e na 2ª Bienal Internacional de São Paulo (1953) ganha uma sala especial.

"Na época [1920 e 1930], o Brasil busca afirmar sua identidade como povo moderno, e formas culturais nascem desse novo imaginário de país livre. O Carnaval e o samba surgem como criações fortes dos grupos sociais que habitam as favelas e os subúrbios. Referindo-se à região da Praça Onze e às festas na casa das tias baianas, Heitor dos Prazeres cria a denominação África em Miniatura, a Pequena África, que passa a gerar formas próprias de convívio. É também nesse momento que se definem as linhas principais daquilo que o mundo conhece como samba brasileiro. Firmam-se as rítmicas básicas, os timbres e instrumentos típicos e os modos de tocá-los. As primeiras escolas se fortalecem, e uma identidade do samba passa a ser partilhada. Surgem oportunidades de ganhar algum dinheiro com essa música, de gravar discos e experimentar o reconhecimento social" (<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres>).

Na obra *Roda de Samba*, o artista retrata um grupo de pessoas dançando e tocando instrumentos de percussão como o pandeiro e o xquerê. Seus personagens costumam ser representados de perfil e olhando para o alto – características que marcam o estilo do pintor. O cenário nos remete a uma paisagem rural, em função da vegetação proeminente, chamando atenção para a presença da cana-de-açúcar. Esse ambiente pode ser uma alusão aos sambas rurais, bem tradicionais, considerados ancestrais do samba urbano carioca.

OBRA 7



Obra 07: Maria Auxiliadora - Capoeira - 1970 - técnica mista s/ tela - dimensões: 69,5 x 75 cm. Acervo: Museu de Arte de São Paulo/MASP. Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/maria-auxiliadora-da-silva-vida-cotidiana-pintura-e-resistencia>

Maria Auxiliadora (Campo Belo/MG 1935-1974). Pintora, costureira e bordadeira. Proveniente de uma família de músicos, pintores e escritores, cresceu em um ambiente fértil e criativo. Aprendeu bordado com sua mãe, grande influência e incentivadora de seu trabalho.

Como pintora singular e autodidata, que não obteve formação acadêmica, imprimiu em seus trabalhos um estilo muito pessoal. Experimentou materiais não convencionais junto às tradicionais, tinta a óleo e acrílica, como o seu próprio cabelo, criando inusitados relevos na tela. Também é



muito conhecida pelo uso das cores fortes e vibrantes. Sua trajetória como artista passou pelas feiras de artes da Praça da República, em São Paulo, e da cidade de Embu das Artes, lugares independentes e de intercâmbio entre artistas que não costumavam frequentar instituições do circuito oficial das artes.

Sua primeira exposição individual, em 1970, no Consulado Americano em São Paulo, abriu portas para a artista, que passa a ter projeção nacional e internacional. Expõe na 10ª Bienal de São Paulo (1969), na Galeria Zimmer, em Dusseldorf, na Alemanha (1972) e na Art Fair, em Basileia, na Suíça (1973).

A obra de Maria Auxiliadora retrata muitos aspectos da cultura afro-brasileira como, o samba, a capoeira e o Candomblé, além de representar seu próprio cotidiano, de amigos e familiares, nos subúrbios de São Paulo (bairros Brasilândia e Casa Verde). Também traz assuntos como a resistência cultural e política e o protagonismo das populações negras, se autorretratando, inclusive, como artista plástica. Para além das questões raciais, Maria Auxiliadora trabalhou outros temas diversos como, cenas de casamento, de trabalhadores, bailes, romances e morte.

Na obra Capoeira (1970), a artista retrata um grupo diverso de pessoas em uma roda de capoeira, dançando, batendo palmas, executando movimentos e tocando instrumentos típicos dessa manifestação cultural afro-brasileira, como o atabaque, o pandeiro e o berimbau. Os integrantes da roda parecem estar em um ambiente rural, em que a paisagem é caracterizada por árvores e arbustos, que compõem quase toda a tela, além de construções que fazem alusão às casas de alvenaria.

OBRA 8



Obra 08: Isabel Lofgren e Patrícia Gouvêa - Mural das Heroínas Negras - 2016/2018 - instalação - impressão digital s/ madeira - tamanhos variáveis. Fonte: <https://www.maepreta.net/>.

Isabel Lofgren cria instalações em espaços públicos na intersecção entre arte, mídia, arquitetura e culturas de rede. Possui interesse em questões sobre diásporas e espaços de fluxos, seja de pessoas, objetos, informações ou narrativas. PhD em Mídia e Comunicação na Divisão de Filosofia, Arte e Pensamento Crítico da European Graduate School.

Patrícia Gouvêa é artista visual, trabalha com fotografia, vídeo, instalação e intervenção urbana. Seu trabalho prioriza



a fotografia e a imagem em movimento e suas possíveis interfaces, onde a noção de tempo constitui um dos principais eixos de pesquisa. Graduada em Comunicação Social pela ECO/UFRJ, especialista em Fotografia e Ciências Sociais pela UCAM/RJ e mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ.

A obra Mural das Heroínas Negras é uma instalação que integra o segundo trabalho da dupla – Projeto Mãe Preta – e possui um caráter expansivo, podendo assumir várias versões pois foram levantados mais de 250 nomes de importantes mulheres negras da história do Brasil. Nessa versão, 16 mulheres foram contempladas, mas trata-se de uma obra aberta, no sentido de ser um processo contínuo de inclusão de outras mulheres nesse panteão.

Quando montada, além do mural fixado na parede, há um varal com textos destacáveis, contendo informações sobre cada uma dessas mulheres. Também ficam disponíveis para leitura, uma seção com obras de escritoras e intelectuais negras. A linguagem do cartaz/mural possui a intenção de divulgar e colocar em destaque a importante presença e a influência das mulheres negras na formação da identidade cultural do país, já que foram durante anos invisibilizadas pela história. A obra foi inspirada pela coleção de cordéis da autora e cordelista Jarid Arraes que, igualmente, celebra a vida e as histórias dessas mulheres negras.



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Tema: apresentação das obras aos estudantes.

Ações: fruição livre e discussão dirigida sobre as questões raciais presentes nas obras. Nessa atividade a sugestão é que seja trabalhada junto aos professores de Sociologia e de História.

Materiais: as oito fichas avulsas das obras (em anexo), fita crepe ou durex, computador e projetor/data show.

Procedimentos: imprima a cores as fichas com as obras (ideal tamanho A3). Fixe uma próxima da outra na parede ou no quadro, ou coloque-as dispostas em cima de uma mesa. Caso a escola possua computador, projetor ou data show, as imagens podem ser projetadas tanto nessa primeira atividade, quanto nas subsequentes.

O intuito é introduzir o grupo às obras através da observação e da fruição livre. Convide os estudantes a se aproximarem e observarem as imagens e, após um certo tempo, levante perguntas para identificar quais foram as suas primeiras impressões.

Perguntas Ativadoras para os Estudantes

1. O que essas obras têm em comum? Dialogam de alguma forma?
2. As imagens afetaram vocês de alguma forma? Causaram alguma sensação? Desencadearam alguma lembrança ou pensamento?
3. Qual título cada um de vocês daria para uma suposta exposição que fosse composta por essas oito obras?



Depois dessas primeiras conversas mais livres, leia a ficha técnica (nome do artista, título da obra, ano de produção, técnica e dimensões) para que os estudantes tenham mais informações sobre as obras.

A partir do que foi dito pelos estudantes, feche a atividade levantando discussões sobre o potencial das artes visuais (de comunicação, denúncia, crítica etc) e de outras linguagens artísticas como música, teatro, dança e literatura, no combate ao racismo.

ATIVIDADE 2

Obra 01: Loja de Ervas – Série Atualizações Traumáticas de Debret – Gê Viana.

Tema: desconstrução de históricas imagens depreciativas e estereotipadas e a valorização de saberes e da ancestralidade das populações negras.

Ações: observação da obra, discussão dirigida e atividade prática sobre releitura de obras de arte. Nessa atividade a sugestão é que seja trabalhada junto aos professores de História.

Materiais: impressão a cores ou projeção das obras (Loja de Sapateiro – Debret e Loja de Ervas – Gê Viana). Para a atividade prática, impressão em preto e branco de outras obras de Debret (ou de Rugendas) onde as populações negras também são retratadas a partir do viés do colonizador. Recortes de revistas, jornais, lápis de cor, lápis de cera, cola, tesoura, tinta, pincel, papel etc.

Procedimentos: fixe ou projete lado a lado as obras de Debret (Loja de Sapateiro) e de Gê Viana (Loja de Ervas). Dê um tempo para que os estudantes observem as duas. Peça



para que apontem as diferenças existentes entre elas. Depois desse levantamento, aprofunde nas intenções da artista, apontando o significado das intervenções, inclusive, focando na figura da rainha Ndatté Yalla. A partir da comparação entre as duas obras, chame atenção para a releitura (criação de uma nova obra a partir de uma já existente, ressignificando a imagem) da obra de Debret realizada pela artista. Mostre à turma outras imagens de Jean-Baptiste Debret e proponha que cada estudante escolha uma delas para realizarem uma releitura, a partir de uma visão de resistência e valorização das populações negras. As releituras podem ser um desenho livre, uma intervenção direta nas imagens impressas (em preto e branco) ou colagem (selecione previamente recortes de revista, imagens da internet, entre outras). Por fim, exponha os trabalhos dos estudantes e peça para que cada um comente suas novas versões.

ATIVIDADE 3

Obra 02: Parede da Memória – Rosana Paulino

Tema: memória e ancestralidade.

Ações: observação da obra, discussão dirigida, mapeamento e escuta sobre as imagens fotográficas de familiares dos estudantes.

Materiais: fotografias analógicas que serão levadas pelos estudantes ou tiradas de câmeras de celular.

Procedimentos: após convidar a turma para uma atenta observação da obra, proponha discussões sobre a função documental da fotografia, de registro, como as selfies, e sua importância para a memória – focando não só em memórias pessoais



e familiares, mas na memória coletiva. Após conversa e discussão em sala de aula sobre a relação entre fotografia e memória, pedir aos estudantes que tragam na aula seguinte fotos antigas da família, ou que tirem fotos de seus familiares mais velhos (câmera de celular). Na aula seguinte, peça para que cada um mostre as fotografias e que contem sobre seus antepassados (mães, pais, tios, avós, avôs, bisavós, bisavôs, etc.).

Em função da invisibilização dos grupos negros na história do Brasil, assim como de suas memórias e tradições, e de serem representados sem qualquer subjetividade, como se fossem um único grupo homogêneo, torna-se mais que necessário a tentativa de resgatar e preservar essas memórias – tanto individuais, quanto coletivas.

Perguntas Ativadoras para os Estudantes

1. *Quais são as relações possíveis existentes entre fotografia e memória?*
2. *Com que intenção famílias e grupos costumam preservar suas histórias, tradições e a memória de seus antepassados?*
3. *Como essas memórias e tradições podem ser registradas e mantidas?*
4. *De onde vem seus antepassados? Eles nasceram onde, quem são/eram? Quais lembranças possuem deles?*



ATIVIDADE 4

Obra 03: Autorretrato – Wilson Tibério

Tema: autorretrato na história da arte ocidental e autorrepresentação afirmativa.

Ações: observação da obra, discussão dirigida e elaboração de atividade prática sobre autorretrato - imagens de si.

Materiais: lápis de cor, lápis de cera, tinta, pincel, papel etc.

Procedimentos: antes da aula, realize uma breve pesquisa sobre o que caracteriza o gênero Retrato (em que o modelo do artista é uma outra pessoa) e Autorretrato (em que o modelo é o próprio artista) na história da arte ocidental.

Sugestão de sites de pesquisa:

ArtRef:

<https://arteref.com/pintura/autorretrato-pinturas-do-renascimento-ao-neoclassico/>

Arte & Educação:

https://www.youtube.com/watch?v=_B7k2XjbpCE

Fixe ou projete a obra no quadro ou na parede. Dê um tempo para que os estudantes observem atentamente. Converse com a turma sobre o tema. Mostre outros exemplos de artistas que também se autorretrataram. Após essa introdução, proponha a cada estudante a produção de seu próprio autorretrato. A intenção é que se autorem apresentem por meio do desenho ou da pintura, a partir de características físicas e de personalidade, pensando na pose, no cenário, nos atributos, etc. Como gostariam de ser vistos, quais qualidades e singularidades pessoais destacariam? Quais elementos podem indicar aspectos da sua subjetividade e de sua identidade? Após a elaboração dos trabalhos, mostre cada um para a turma e



comente os resultados. Deixe por um tempo os trabalhos expostos para evidenciar a diversidade da turma.

Wilson Tibério, se autorretrata como um artista acadêmico, munido com atributos peculiares de um pintor, como pincel e tela em cavalete, de forma ativa, olhando diretamente para o espectador, em uma posição afirmativa, questionando a invisibilidade dos artistas negros em instituições acadêmicas e oficiais do ensino de artes. Esse tema também pode ser trabalhado em outras aulas como, a pouca visibilidade de artistas negros no decorrer da história da arte ocidental (e também no Brasil) e a presença desses artistas em instituições legitimadoras do mundo da arte, assim como, o grande aumento da representatividade de artistas negros e negras na arte contemporânea brasileira.

Sugestão de sites de pesquisa:

Projeto Afro:

<https://projetoafro.com/>

História da Arte:

https://brunomoreschi.com/Historia-da_rte

Exposição Histórias Afro-Atlânticas:

<https://masp.org.br/exposicoes/historias-afro-atlanticas#:~:text=Hist%C3%B3rias%20afro%2Datl%C3%A2nticas%20apresenta%20uma,babala%C3%B4%20franco%2Dbaiano%20Pierre%20Verger>



ATIVIDADE 5

Obra 04: Retrato do Lutador de Laamb – Ayrson Heráclito

Tema: regiões, países, histórias e grupos culturais do continente africano.

Ações: observação da obra, discussão e estudo dirigido sobre a África. Nessa atividade a sugestão é trabalhar em conjunto com os professores de História e Geografia.

Materiais: projeção ou ficha avulsa da obra. Projeção ou mapa do continente africano, das bandeiras dos países, de imagens de outras manifestações culturais típicas das regiões, vestuários, culinárias, religiões, etc.

Procedimentos: após apresentação e observação da obra, apresente aos estudantes informações sobre o Senegal, como bandeira, localização no mapa do continente africano, idioma, população, religiões, curiosidades (como a luta de Laamb).

Peça para os estudantes apontarem outros países da África que eles conhecem. Registre os nomes que vão sendo levantados por eles (preste atenção quais são os mais conhecidos). Depois mostre para a turma um mapa político do continente africano, assinalando os países que foram citados. Analise com eles esse mapa, chamando atenção para a quantidade e os nomes dos países (54 países) que são divididos em cinco regiões - África Setentrional, África Ocidental, África Central, África Oriental e África Meridional.

Aponte as regiões predominantes das quais diversos grupos foram sequestrados, escravizados e trazidos para o Brasil. Para a Bahia e o nordeste, vieram os povos que viviam na região onde hoje estão os países da Nigéria, Guiné, Cabo Verde, Senegal, Togo, Benin, Costa do Marfim, Serra-Leoa, Gana, Libéria e Mauritânia (África Ocidental). Os territórios de São Tomé



e Príncipe, Guiné Equatorial, Gabão, Camarões, República do Congo e Angola (centro-oeste) foram os principais fornecedores de africanos escravizados durante séculos de escravidão no Brasil. Por último vieram grupos da região de Moçambique (África Oriental).

Destaque e comente os seis países da África que também possuem o português como língua oficial (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Sugestão de sites de pesquisa:

Mundo Educação/ Senegal:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/senegal.htm#:~:text=Resumo%20sobre%20Senegal&text=Possui%20cerca%20de%2016%20C8,base%20da%20sua%20economia%20prim%C3%A1ria>

Brasil Escola/Países da África:

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-da-africa.htm>

Aventuras na História:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/de-onde-vieram-os-escravizados-sairam-para-vir-ao-brasil.phtml>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE:

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>

Mundo Educação/Países Africanos que Falam Português:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paises-que-falam-portugues.htm>



ATIVIDADE 6

Obra 05: Marley – Paulo Nazareth

Obra 06: Samba - Heitor dos Prazeres

Tema: gêneros musicais afrodiáspóricos nas Américas.

Ações: observação das duas obras, discussão dirigida sobre o tema, levantamento dos gêneros musicais preferidos dos estudantes, atividade de pesquisa em grupo, apresentação dos trabalhos em sala de aula. Nessa atividade a sugestão é que seja trabalhada junto com os professores de Dança, Música e História.

Materiais: obras avulsas fixadas ou projetadas, aparelho de som, computador ou celulares.

Procedimentos: após a observação inicial das obras, chamar atenção para a ilustração (Bob Marley) que está na pipa do rapaz e para a roda de samba (assim como, para os instrumentos musicais da obra de Maria Auxiliadora). Desenvolver uma breve introdução sobre as manifestações afrodiáspóricas, da força da presença negra nas Américas e de suas influências culturais. Interessante apontar os ritmos e danças que são protegidos como bens culturais imateriais do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, ressaltando a importância da preservação do patrimônio para a manutenção e valorização dessas manifestações culturais, como o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e as Matrizes do Samba do Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo.

Sugestão de sites de pesquisa:

IPHAN - Matrizes do Samba do Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo:



<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/64#:~:text=e%20Samba%2DEnredo-,Matrizes%20do%20Samba%20no%20Rio%20de%20Janeiro%3A%20Partido%20Alto%2C%20Samba,Formas%20de%20Express%C3%A3o%2C%20em%202007>

IPHAN - Samba de Roda do Recôncavo Baiano:
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/56>

Perguntas Ativadoras para os Estudantes

1. *No seu dia a dia, que elementos culturais o remetem à África? Uma roupa, uma comida, algum instrumento musical, dança ou ritmo?*
2. *Além do Reggae, quais outros gêneros musicais do continente americano que possuem influências negras vocês conhecem? Qual o gênero musical que vocês mais gostam? Conhecem a sua origem?*

Sugestão de sites de pesquisa:

Afreaka:

<http://www.afreaka.com.br/notas/america-dos-ritmos-afri-canos/>

Dividir a turma em grupos para que cada um seja responsável por pesquisar em casa um gênero musical e apresentar na aula seguinte, usando sons, instrumentos musicais, danças e coreografias, imagens (desenhos, fotografias, imagens de redes sociais, projeções, etc). Sorteie os gêneros musicais entre os grupos para não haver escolhas intencionais.

Gêneros que podem ser pesquisados pelos grupos: Cultura Hip Hop (Rap), Jazz, Axé, Blues, Rock, Funk, Maracatu, Samba, Frevo, entre outros.



ATIVIDADE 7

Obra 07: Capoeira – Maria Auxiliadora

Tema: a capoeira (histórias, origens, estilos e características) e as resistências culturais dos povos africanos no Brasil.

Ações: observação da obra e mapeamento das primeiras impressões dos estudantes. Levantar o que a turma já conhece sobre a capoeira. Visita de um grupo ou de um mestre de capoeira na escola, ou a ida da turma a alguma escola/grupo de capoeira para que os alunos possam conhecer de perto essa manifestação cultural - uma mistura de luta, dança, esporte e jogo - que é um dos símbolos de resistência de populações negras no Brasil. Para essa atividade a sugestão é trabalhar com os professores de Educação Física, Dança, Música e História.

Procedimentos: após a observação da obra, levantar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema (se alguém conhece, pratica ou já participou de alguma roda). Exponha para a turma informações sobre as origens e as características da capoeira. Ressalte que a Roda de Capoeira é registrada como bem cultural imaterial do Brasil pelo IPHAN. Programe o encontro entre a turma e um grupo ou um mestre de capoeira para que os estudantes possam vivenciar de perto, as experiências de pessoas que fazem parte da capoeira, assim como, suas histórias.

Sugestão de sites de pesquisa:

IPHAN - Roda de Capoeira:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>

Impulsiona:

<https://impulsiona.org.br/capoeira-origem-historia-estilos/>



ATIVIDADE 8

Obra 08: *Mural das Heroínas Negras* – Isabel Lofgren e Patrícia Gouvêa

Tema: valorização e empoderamento de mulheres negras no Brasil.

Ações: observação da obra. Análise e discussão dirigida e trabalho de pesquisa. Nessa atividade a sugestão é que seja trabalhada junto aos professores de História e Sociologia. No caso da disciplina Literatura, a sugestão é trabalhar a Literatura de Cordel, já que o mural foi inspirado no livro de Jarid Arraes (ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordeis*. São Paulo: Pólen, 2017). <https://jaridarraes.com/heroinas-negras-brasileiras-em-15-cordeis/>

Procedimentos: Após a observação da obra, leia os 16 nomes das mulheres negras que compõem o mural, assinalando quais são as conhecidas pelos estudantes. Proponha uma atividade de pesquisa para ser feita em casa. Divida a turma em duplas ou trios e peça para realizarem uma breve pesquisa sobre a biografia das mulheres que integram o mural para que os resultados sejam apresentados para toda a turma na aula seguinte. Os nomes devem ser sorteados para não haver escolhas intencionais. Na aula seguinte peça para que cada dupla ou trio apresente a vida e outras imagens sobre as mulheres negras pesquisadas.

Perguntas Ativadoras para os Estudantes

1. *Alguém conhece alguma dessas mulheres? Quais? (Marque as que já são conhecidas).*
2. *Como as mulheres negras costumam ser retratadas em obras de arte e na mídia? Vocês acham que elas são*



representadas através de imagens mais valorativas ou depreciativas? Por quê?

3. *Pensem em outras mulheres negras (conhecidas da mídia, da TV, das redes sociais, da própria família, da escola, etc) que, para você, também poderiam integrar esse mural. Qual é a importância dessa mulher para você? Por que a admira? Por que a incluiria nessa lista?*

As biografias podem ser encontradas na internet – indicação do próprio site do Projeto Mãe Preta, onde também é possível baixar a versão digital do catálogo da exposição.

<http://www.maepreta.net/project/mural-das-heroinas/>

HEROÍNAS NEGRAS

- **Elza Soares** (1930 - 2022), cantora.
- **Rosa Maria Egipcíaca** (1719-?), nascida na Costa da Mina, na África, resistiu à condição de mulher escravizada no Brasil, tornando-se conhecida por seu caráter místico e suas ações religiosas.
- **Lélia Gonzalez** (1935-1994), antropóloga, escritora e feminista, ajudou na fundação de várias organizações políticas e culturais negras, colocando as demandas das mulheres negras na agenda política.
- **Carolina Maria de Jesus** (1914-1977), escritora.
- **Tereza de Benguela** - líder da Comunidade Marrom do século XVIII.
- **Antonietta de Barros** (1901-1952), jornalista e atuante na política, pioneira em leis antidiscriminação no Brasil voltadas, especialmente, para mulheres.



- **Mãe Menininha do Gantois** (1894-1986), famosa ialorixá (sacerdotisa do Candomblé) da Bahia, responsável por articular o fim da proibição do Candomblé, que começou na década de 1930, e só foi revogada na década de 1970. Ela é conhecida por ter aberto o Candomblé para outras religiões, aumentando o respeito e a compreensão das religiões afro-brasileiras em uma sociedade, predominantemente, católica.
- **Luisa Mahin** (1785 -?), nascida na África e escravizada no Brasil, pertencente à tribo Mahi da fé muçulmana. Ela esteve envolvida na liderança de várias revoltas na Bahia e é mãe do famoso abolicionista Luís Gama.
- **Esperança Garcia** (séc. XVIII), primeira mulher escravizada a escrever e enviar uma carta ao governo, denunciando crimes e abusos.
- **Laudelina de Campos Mello** (1904-1986), organizadora de associações e eventos negros que celebram a cultura afro-brasileira.
- **Tia Ciata** (1854 - 1924), ialorixá (sacerdotisa), musicista, líder comunitária, fundadora do samba no Rio de Janeiro.
- **Escrava Anastácia** (c. 1740 -?), santa.
- **Maria Felipa de Souza** (1790? -?), heroína do movimento de resistência e independência na Bahia, tendo derrotado os portugueses na ilha de Itaparica.
- **Dandara dos Palmares** (séc. XVII), guerreira negra em comunidades quilombolas e combatente da resistência frente ao sistema colonial.
- **Clementina de Jesus** (1901-1987), cantora.
- **Nzinga de Angola** (1582 -?), rainha em Angola, guerreira da resistência contra a colonização e os comerciantes portugueses de escravos na África.

ANEXO

OBRA 1





OBRA 2



OBRA 3





OBRA 4

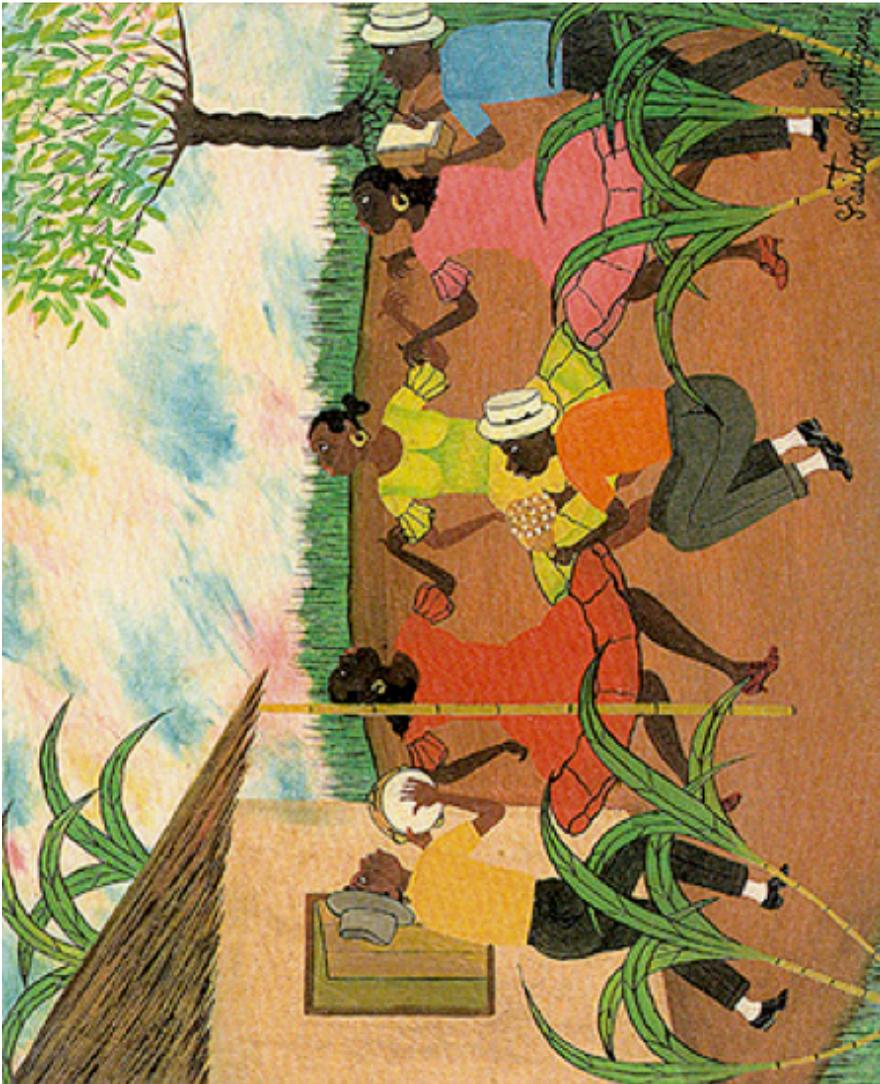


OBRA 5





OBRA 6



OBRA 7





OBRA 8



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é Racismo Estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARANTES, Shirley L. F.; MIRANDA, Vanessa R. E.; SILVA, Kelly. (Org.) Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017.
- ARAÚJO, Emannel. (Org.) A Mão Afro-Brasileira: significado da contribuição histórica e artística. São Paulo: Editora Tenenge, 1988.
- BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. Mulheres Negras do Brasil. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007.
- CONDURU, Roberto. Arte Afro-Brasileira. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.
- EFLAND, Arthur. Cultura, Sociedade, Arte e Educação em um Mundo Pós-moderno. In: A Compreensão e o Prazer da Arte, 1999, São Paulo. Atas eletrônicas. São Paulo: SESC/SP, 1999.
- FELINTO, Renata. (Org.) Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em Sala de Aula: saberes para os professores fazerem para os alunos – religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte: Fino Trato, 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GILIOI, Renato de Souza Porto. Representações do Negro no Modernismo Brasileiro: artes plásticas e música. Belo Horizonte: Miguilim, 2016.
- GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. (Orgs.) Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Enciclopédia Negra. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. (Org.) Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.



- HISTÓRIAS AFRO-ATLÂNTICAS [vol.2] antologia. /organização editorial, Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro, André Mesquita. [catálogo de exposição]. São Paulo: MASP, 2018. 624p.
- LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília: 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- Revista História Viva. Temas Brasileiros: novas pesquisas brasileiras refazem o retrato da presença negra. São Paulo: Duetto, 2004.
- RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade no ensino da arte e sua influência na leitura dos códigos estéticos. In: IV Encontro: Leituras de Obras de Arte e Discussão Acerca do Lugar da Apreciação na Sala de Aula de Acorde com os Parâmetros Curriculares Nacionais. São Paulo: SESC Vila Mariana, julho de 1998.
- ROCHA, Solange; SILVA, José Antônio Novaes da. À Luz da Lei 10.639/03, Avanços e Desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. v.5, n.11, jul.-out. 2013, p.55- 82.
- SANTOS, Augusto Sales dos. A Lei n. 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei 10.639-2003. Brasília: MEC: SECAD, 2005, p. 21-37.
- SILVA, Santuza Amorim da; PRAXEDES, Vanda Lúcia. (Org.) Educação e Relações Étnico-Raciais: desafios, limites e possibilidades. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017.
- SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2006.
- VERGER, Pierre. Orixás - Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. [1ª edição 1951] Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.



OUTRAS REFERÊNCIAS

- África em Palavras - <https://africaempalavras.wordpress.com>
- Ayrson Heráclito - <http://ayrsonheraclito.blogspot.com.br>
- Biografia de Mulheres Africana /UFRGS - <https://www.ufrgs.br/africanas/>
- Educafro Brasil - <http://www.educafro.org.br>
- Fundação Cultural Palmares - <http://www.palmares.gov.br>
- Gê Viana - <https://www.premiopipa.com/ge-viana/>
- Geledés Instituto da Mulher Negra - <https://www.geledes.org.br>
- Heitor dos Prazeres - Enciclopédia Itaú Cultural - <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres/obras>
- Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros - <http://ipeafro.org.br>
- Literafro - <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>
- Maria Auxiliadora <https://masp.org.br/exposicoes/maria-auxiliadora-da-silva-vida-cotidiana-pintura-e-resistencia>
- Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira - UFBA <https://museuafrodigital.ufba.br/>
- Museu Afro Digital/Rio de Janeiro - <http://www.museuafrorio.uerj.br>
- Museu Afro Brasil - <http://www.museuafrobrasil.org.br>
- Projeto Mãe Preta - <http://www.maepreta.net>
- Projeto Afro - <https://projetoafro.com>
- Paulo Nazareth/Cadernos de África - <http://cadernosdeafrica.blogspot.com>
- Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - <http://abpn-revista.org.br>
- Revista África e Africanidades - <http://www.africaeaficanidades.com.br>
- Rosana Paulino - <http://www.rosanapaulino.com.br>
- Wilson Tibério - <http://wilsontiberio.free.fr>



Leis e Documentos

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Lex: Brasília, 2003. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm#art1
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, Artes. Brasília, 2018.
- BRASIL, Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: SECAD; SEPPIR, jun. 2009.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ ME, 2004.
- Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

FICHA TÉCNICA

CASA FIAT DE CULTURA Conselho Deliberativo

Presidente

Antonio Filosa

Conselheiros

Márcio de Lima Leite

Frederico Battaglia

Diretoria

Diretor Presidente

Massimo Cavallo

Diretores

Carlos Henrique Kitagawa

Fabrizio Biondo

Empresas Mantenedoras

Stellantis

FCA Fiat Chrysler Automóveis

Brasil Ltda.

FCA Fiat Chrysler Participações

Brasil Ltda.

Fiat Chrysler Rimaco Brasil

Corretagem de Seguros Ltda.

Gestão da Experiência Cultural

Ana Vilela

Conteúdo e Comunicação

Bia Starling

Colaboração

Cacá Duarte

Fernanda Blom

André Borges

Programa Educativo

Clarita Gonzaga

Ana Carolina Ministério

Flávia Salvador

Naíra Duarte

Taiane Costa

Colaboração

Miriam Chiara

Gestão Administrativa Financeira

Hertz Alves

Administrativo financeiro

Camila Lessa

Bruno Ferreira

Colaboração

Julieni Fonseca

Produção

Ludmilla Dourado

Bernardo Oliveira

Colaboração

Polliana Ornelas

Assessoria de Imprensa e Relações Públicas

Personal Press

Polliane Eliziário

Marinha Luiza

Raquel Braga

CADERNO EDUCATIVO CASA FIAT DE CULTURA

Realização

Ministério do Turismo

Casa Fiat de Cultura

Organização, pesquisa e concepção do material

Ana Carolina Ministério

Diagramação visual

Carolina Lentz (Gíria Design)

Revisão

Bia Starling

Marinha Luiza

Raquel Braga



Patrocínio:



Banco Safra

USIMINAS U

60 ANOS



Copatrocinio:

Apoio:

brose

Instituto USIMINAS U

AMIGOS DA CASA

CIRCUITO LIBERDADE

CULTURA E TURISMO

MINAS GERAIS

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

CASA FIAT DE CULTURA

Realização:

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL